

## ATA DA V REUNIÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS DO CÂMPUS SÃO MIGUEL DO OESTE

Aos quatro dias do mês de novembro de dois mil e vinte e um ocorreu a sexta reunião ordinária do NEABI – SMO. Participaram Ademir Juvencio da Silva, Alessandro Eleutério de Oliveira, Cristiane Brum dos Santos, Diego Nones Bissigo, Isete Carmen Lourenço, Leandro Freitas Oliveira, Noeli Moreira. A ordem do dia era formada por: 1. Informes; 2. Apreciação e aprovação da ata da reunião anterior; 3. Estudo dirigido da dissertação de mestrado intitulada *Direitos Humanos e Migrações Internacionais: estudo teórico-analítico da proteção social do imigrante econômico* de autoria de Cristiane Brum dos Santos (Introdução e capítulo 2 (tópicos 2.3, 2.4 e 2.5)), sob a condução de Cristiane. Primeiramente, o núcleo acolheu a nova representante da Afrodesmo, Isete, que deu informes sobre o “Seminário da Consciência Negra – Educando, ensinando, aprendendo e refletindo acerca da diversidade”, em parceria com a UNEOESC. Após isso, Noeli deu os informes sobre as atividades realizadas no câmpus sobre o Mês da Consciência, que congregou a Comissão Local de Direitos Humanos, o NEABI e a Biblioteca: exposição de livros de autores negros do Brasil e do mundo, exposição de trabalhos de estudantes no saguão, sessão especial do projeto Cineclubes 1 Minuto e a roda de conversa *on-line* “Vamos falar sobre negritude e privilégio branco?”. A seguir, o núcleo aprovou a ata da reunião anterior e a palavra foi passada para Cristiane, que começou sua exposição tecendo considerações sobre os conceitos de direitos civis e direitos sociais, e suas relações com o (não) fazer do Estado. Nesse sentido, trouxe à tona a problemática do migrante (termo que deve ser utilizado no lugar de “estrangeiro” que tem uma conotação pejorativa), enquanto sujeito de direitos em um Estado que recorrentemente não os reconhece. Afirmou que os estudos sobre os migrantes devem resgatar suas narrativas, dando voz a essas pessoas e seus coletivos, percebidos como grupos que demandam assistência. Afirmou também que sua dissertação de mestrado apresenta dados que evidenciam que setenta por cento da população global é composta por migrantes internos e cerca de vinte e cinco por cento seriam os migrantes internacionais. Nos últimos anos tem havido um aumento massivo nas migrações. Apresentou dados quantitativos sobre “Imigrantes internacionais registrados (Registro Nacional de Estrangeiro – RNE/ Registro Nacional Migratório – RNM), disponíveis no sítio [www.nep.unicamp.br](http://www.nep.unicamp.br). Ademais, afirmou que o imigrante vem para agregar, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento do país que o recebe e para o país que deixou (por meio de transferências monetárias internacionais para familiares nos países de origem). Dessa forma, o imigrante não deve ser percebido como vulnerável e sim como protagonista. Assim, a sociedade precisa rever sua percepção do imigrante, que deve ser visto como protagonista e agente de desenvolvimento. Após a exposição, Alessandro fez considerações sobre a situação do imigrante de ascendência africana e a política de cotas para ingresso de estudante negros em instituições federais. Cristiane falou sobre a situação de migrantes que possuem uma escolarização profissional, recorrentemente com nível superior, e que não conseguem inserção socioeconômica nos países que os recebem de acordo com seus perfis profissionais, tendo de ocupar postos de trabalho que não são bem quistos pelos nacionais. Noeli pediu que Cristiane falasse mais sobre o conceito de vulnerabilidade social, pois as pessoas podem ser vulneráveis de várias formas, inclusive psicologicamente. Cristiane afirmou que sua perspectiva foi mais socioeconômica. Nessa acepção, disse também que, a partir de sua experiência na Inglaterra, percebeu que o migrante não é necessariamente alguém vulnerável, pois há vários tipos de migrações, inclusive de pessoas com *high skills*, ou que migram para outros países para aproveitarem suas aposentadorias. No caso dos venezuelanos, na maior parte das vezes, suas migrações se dão por situação de

vulnerabilidade (imigrante econômico). Ademais, o próprio ato migratório pode colocá-la em situação de vulnerabilidade por expô-la a riscos à sua integridade física, por exemplo. Noeli falou sobre o caso de imigrantes haitianos que têm diplomas de engenharia e acabam trabalhando como pedreiros. Cristiane falou sobre o papel do Estado para a ampliação do amparo social para os imigrantes em situação de vulnerabilidade (acesso à educação escolar, aos programas de transferência de renda etc.). E fez a seguinte indagação: “E aí entra a questão da própria cidadania. Será que as pessoas sabem que têm acesso a esses direitos?”. Diego falou sobre a questão do deslocamento de pessoas entre as fronteiras nacionais. Disse que se ele se deslocasse até o litoral, seu dinheiro, seu diploma e seu cartão seriam válidos. Caso cruzasse a fronteira para a Argentina, próxima de São Miguel do Oeste, estes documentos e recursos perderiam suas validades. Cristiane lembrou de sua experiência no Reino Unido, com ênfase para o BREXIT. Disse que parcela considerável da população do Reino Unido é formada por pessoas que nasceram em outros países. A saída do Reino Unido da soberania compartilhada com a União Europeia reflete, em grande medida, pode ser vista como uma forma de barrar o fluxo de migração, sobretudo de países de pessoas oriundas do Leste Europeu, para não “afetar” seu mercado de trabalho, a moradia etc. Isete disse que os imigrantes haitianos que atuam na AFRODESMO criaram um grupo chamado “Café e Foa” (Movimento Pequeno que Quer Fazer). Também afirmou que o senso comum concebe que todo imigrante é vulnerável. Lembrou de sua participação em um seminário Social Popular, há cinco anos, quando conheceu uma haitiana que vivia em Chapecó e que estava extremamente decepcionada, pois ela era uma mulher com curso de pós-graduação, que veio ao Brasil devido à proposta de acolhimento do governo brasileiro, e foi discriminada por ser negra. Como contraponto, lembrou a situação de brasileiros que emigram para outros países e que são percebidos de modo positivo pelos que aqui ficaram. Lembrou o caso de um amigo bioquímico que trabalha na JBS, exercendo na empresa uma função não condizente com a sua formação acadêmica. A professora Noeli afirmou que o Extremo Oeste catarinense é preconceituoso com pessoas que vêm de fora. Disse que seu pai sofreu discriminação quando veio com a família para São Miguel do Oeste. Ela lembrou o caso de uma professora do IFSC que levou seu carro à uma oficina e o proprietário do estabelecimento quis saber quem ela era e de onde vinha. Ela disse que era professora do IFSC e que havia passado em um concurso. O dono da oficina disse que a razão de os preços (de produtos e serviços) estarem altos na cidade era por causa da vinda de pessoas de fora, como ela, e o IFSC era um também responsável por essa situação porque vários de seus servidores vieram de outras cidades e regiões. O professor Leandro lembrou o fato de que quando o imigrante é europeu, é recebido com “tapete” vermelho. Ele lembrou as exigências que habitualmente são feitas pelas imobiliárias para pessoas que desejam alugar um imóvel na região. Ele disse também que conheceu uma europeia que havia chegado em Chapecó, e que devido à sua origem não precisou fazer pagamentos antecipados, fiadores etc. Ou seja, a boa (ou má) receptividade dada a um migrante depende de sua origem geopolítica e de sua raça e/ou etnia. Cristiane lembrou que a eterna “briga” entre “nós” (os nacionais) e “eles” (os migrantes) caracteriza a tônica das migrações, e está ligada a questões relacionadas à soberania e à cidadania. Isso congrega elementos ligados à origem das pessoas, mas também às diferenças de pensamento, religião, e o enfrentamento das formas de discriminação estão ligadas ao resgate do ideário dos Direitos Humanos. Alessandro agradeceu à Cristiane por sua apresentação. Lembrou que o programa de rádio Nega Jacinta, do senhor Luiz Quadros, ex-integrante do NEABI e membro da AFRODESMO, iria apresentar ao longo do mês de novembro uma programação ligada à Consciência Negra. Falou também sobre o livro Racismo Estrutural que será discutido a partir da próxima reunião que acontecerá no dia 2 de

dezembro, sob a coordenação do professor Leandro. Diego sugeriu que as reuniões de janeiro e fevereiro ocorram nas últimas semanas de cada um deste meses, devido ao recesso de janeiro e mudanças no calendário letivo. Ou seja, nos dias **27 de janeiro** e **24 de fevereiro**. Após isso, Alessandro agradeceu a presença de todas (os) e encerrou a reunião.